

Provocações à Pedagogia Humanista Libertadora: reverberações freireanas

GARRÉ, Bárbara Hees*, HENNING, Paula Corrêa

barbaragarre@gmail.com

Palavras-chave: Pedagogia, Poder, Liberdade.

Introdução/Objetivos

O presente trabalho é um recorte de dissertação que tem como objetivo analisar/problematizar alguns discursos educacionais recorrentes na atualidade no campo da Pedagogia, especialmente os narrados pela Pedagogia Humanista Libertadora de Paulo Freire, nas seguintes obras: *Pedagogia do Oprimido*¹ e *Pedagogia da Autonomia*². Destacamos o quanto nos instiga o fato de tais obras se constituírem como bibliografias básicas em cursos de formação de pedagogos. Então, colocamo-nos a pensar na potência e nos efeitos destes discursos para que estejam tão disseminados na formação de pedagogos.

Metodologia

As escolhas metodológicas deste estudo estão amarradas com o referencial teórico foucaultiano. Operamos com algumas ferramentas da fase genealógica para fazer análise do discurso. Destacamos a produtividade das ferramentas de discurso, poder e liberdade para colocar luz nos achados da pesquisa.

Problematizamos alguns discursos de poder e liberdade que emergem nas obras freireanas citadas anteriormente, ficando no nível do que está dito. Aqui não nos interessa o autor do discurso, afinal a pergunta é: “Que importa quem fala?” (FOUCAULT, 2001, p. 264). Dessa forma não é o autor Paulo Freire que está sendo problematizado, mas sim os discursos proferidos e que ganham visibilidade no campo de saber da Pedagogia.

Resultados e Discussão

Ao reunir alguns enunciados da obra freireana, as temáticas do poder e da liberdade emergem fortemente. O poder é apresentado como algo negativo, localizado, opressor, repressivo e do qual é necessário desvencilhar-se para construir um mundo melhor e livre de injustiças. Aparecem os sujeitos oprimidos, “esfarrapados do mundo” (FREIRE, 2001), vítimas do desprezo, traídos e enganados por uma minoria que detém o poder e contra o qual é preciso lutar. Esta luta busca um estado de não poder, almeja a libertação e a autonomia de todos pela via do diálogo e da comunhão.

Questionamos, então, este discurso de um poder de opressores sobre oprimidos, um poder massacrante, que vitimiza alguns. Que concepção de poder é esta? Algo que está fora do sujeito, algo negativo? Seria possível pensar em uma sociedade sem relações de poder? Fazemos tais provocações por entender que o poder não está fora do sujeito, o poder não se detém. Pensamos no poder enquanto relação, como exercício, como jogo de forças e um jogo que só é possível entre homens livres. O poder na perspectiva teórica em que nos movimentamos é da ordem da produtividade. E nessa correnteza pensamos que só é livre aquele luta, que trava batalhas, como nos coloca Nietzsche: “Somente é livre o guerreiro” (2000, p. 96).

Considerações Finais ou Conclusão

Colocamo-nos a pensar em relações de poder, em práticas de liberdade, num exercício de pequenas revoltas diárias, pequenas rupturas, pequenos abalos. Pensamos em tais exercícios por entender que uma ruptura total esteja longe demais, talvez longe do alcance das nossas mãos. Não compartilhamos com o ideal de numa grande libertação que salvará a humanidade das injustiças e construirá uma sociedade igualitária. Escolhemos nos aproximar do pensamento foucaultiano, procurando nos movimentar, nos deslocar, romper às vezes e, em outras, entrar no fluxo, na ordem do discurso. E nessa correnteza colocamos sob suspeita algumas verdades que vem constituindo a Pedagogia, nosso campo de saber.

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 18ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Referências

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou, como filosofar com o martelo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.